

Ana Loura, Técnica de Telecomunicações Aeronáuticas, de Santa Maria

O relato de uma doente que sobreviveu ao novo coronavírus

Ana Maria Nogueira Santos Loura, Técnica de Telecomunicações Aeronáuticas na ilha de Santa Maria, conhecida activista, considerada “mulher da guerra”, envolvida em várias causas sociais e culturais na ilha de Santa Maria, foi apanhada nas malhas do coronavírus. O Diário dos Açores desafiou-a a contar a sua experiência e, com a coragem e desassombro habituais no carácter de Ana Loura, deixou-nos esta mensagem.

“Vim dos Açores no dia 17 de Fevereiro, para estar presente no Correntes D’Escritas (de 19 a 22), e depois substituir a senhora que presta serviço em casa da nossa Mãe para que gozasse as férias. Sofro de rinite alérgica e já estava em plena crise com bastante tosse. Estive debilitada durante todo o acontecimento. Convivi com amigos que só vejo nesses dias, pessoas que, como eu, não perdem o Correntes, e com os escritores de quem sou amiga há anos e os que fui conhecendo lá ao longo das edições a que assisti. O Correntes é, para além da importância que tem em termos literários, um encontro de amigos.

A minha saúde piorou substancialmente a partir do dia 24 de Fevereiro. Febre como há muitos anos não me lembro de a ter, dores no corpo, falta de forças, uma tosse que me abalava, falta de ar. Era um enorme sacrifício cuidar da minha Mãe como eu gostava e como ela merece. Fui tomando uns Brufens, o Maxilase, a bromalina, a quercitina, cisteína e mais de um xarope que havia cá em casa. As noites eram de pesadelo, 40º de temperatura, os lençóis alagados, as forças a falharem. Mas na esperança de que os medicamentos me aliviassem. Eu não podia adoecer.

No dia 28 respirava cada vez pior. Os pulmões não queriam, a expectoração era esverdeada, pastosa, e só depois de muito tossir expelia do tamanho de uma moeda de 2 cêntimos. O resto ficava lá dentro a impedir os pulmões de expandirem. Era a asfixia. No final do dia, quando a senhora que apoia a nossa Mãe à noite chegou, fui à Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Tinha a garganta já com pontos brancos. Fui auscultada e o médico disse que não estava mal a nível pulmonar, era mais a nível brônquico. Vim com uma receita de: Bilastina, Azitromicina, Erdosteína Etodolac e Prednisolona. Fiz o tratamento durante os seis dias recomendados e os sintomas não diminuíam. As forças cada vez eram menos e a falta de ar era muita.

Entretanto, saiu a notícia de que Luís Sepúlveda estava infectado pelo Coronavírus. Não estive em contacto directo com ele. Mas o facto fez-me pensar que eu estar infectada seria uma possibilidade já que os sintomas coincidiam com o que era dito pela Comunicação Social e as autoridades nacionais de Saúde. No dia 01 de Março liguei para a Saúde 24. Após minutos “infinitos” de espera, fui atendida pela primeira de três pessoas a quem expliquei



pormenorizadamente os sintomas, que tinha estado no Correntes embora sem contacto directo com Luís Sepúlveda. Passou a chamada a uma segunda pessoa a quem tive de repetir tudo. Esta segunda pessoa passou-me a uma terceira a quem voltei a contar tudo. Informou-me que seria contactada pelo Delegado de Saúde. Esperei, esperei... Até ao dia 03 de Março, quando já desesperada voltei a ligar e voltei a ser atendida por mais três pessoas, a quem voltei a contar tudo e que me prometeram, mais uma vez, que seria contactada pelo Delegado de Saúde. Fui de facto contactada pelo Delegado de Saúde à terceira tentativa, feita no dia 05 de Março. O senhor Delegado, a quem contei pela décima vez o historial todo, disse que me ligaria dentro de momentos, o que cumpriu. Disse-me que, não tendo tido contacto directo com o escritor, o meu caso “não se enquadrava” no vírus. Insisti nos sintomas que, apesar do tratamento que estava a fazer há 6 dias, não diminuíam e muito menos desapareciam. O senhor insistiu que o meu caso “não se enquadrava” e que voltasse a uma consulta onde já tinha ido ou recorresse ao Hospital da Póvoa de Varzim, recomendando que não mencionasse o facto de ter estado no Correntes para não atrasar o processo da consulta pois, e mais uma vez, a minha doença “não se enquadrava” no Corona. Este “não se enquadrar” foi reafirmado pelo mesmo senhor Delegado no dia 13 quando lhe comuniquei que estava internada no São João, positiva: “Na altura a sua situação não cumpria os critérios então definidos para validação e que foram entretanto alterados”.

Nesse dia 05 de Março, ao fim da tarde, voltei ao Atendimento Permanente da Santa Casa de Vila do Conde. A médica que me viu pediu análise ao sangue. Eu tinha a garganta e o céu-da-boca cheio de pústulas. Foi-me feito também um RX aos pulmões. A médica achou por bem pôr a situação à consideração de uma colega de Medicina Interna. Não o tendo conseguido, disse-me que no dia seguinte eu seria contactada, o que aconteceu no dia 06, e me foi pedida nova ida ao Atendimento Permanente. O médico que me atendeu, o mesmo da primeira consulta, disse que após conversa com a colega da Medicina Interna tinham concluído que me deveria ser realizado uma TAC. Após análise do exame, foi-me prescrito novo tratamento: Levofloxacina, 500mg, Levofloxacina 250mg (para serem tomados em simultâneo); Paracetamol 1000mg; Etodolac 400mg; Pantoprazol 20mg; Duobiotic.

Adie, nesse dia, o meu voo de regresso a casa. Não me sentia em condições para viajar e nessa altura já temia estar de facto infectada e não seria sensato o contacto com mais pessoas.

Os sintomas não diminuíam com este novo tratamento. Eu arrastava-me, ardia em febre, mal respirava. Entretanto, a senhora que presta serviço em casa da minha Mãe regressou no dia 07 a meu pedido, e eu pude ficar na cama que era o que o meu corpo há muitos dias pedia.

No dia 11 pelas 10:15 da manhã voltei ao Atendimento Permanente, de táxi, como já me tinha deslocado das duas últimas vezes. Fui atendida pela mesma médica do dia 05. Olhou para a TAC e de imediato me encaminhou para uma salinha onde fiquei em isolamento, e ela acompanhou-me já vestida de cima a baixo com os fatos que vemos nas reportagens. Desencadeou o processo, e cerca das 05h20 da madrugada do dia 12 fui de ambulância para o Hospital de São João “com a roupa do corpo” e num estado físico nunca sentido antes, o ânimo do pior possível. Eu estaria infectada. Falta o teste. A viagem foi tenebrosa. A máscara a tapar-me o nariz e a boca. A asfixia era cada vez maior. Eu não respirava. Tentava e não conseguia. A viagem foi um tormento.

Chegada ao Hospital, eu já não raciocinava e tudo, neste momento é nublado. Apenas recordo que fui metida num quarto por pessoas vestidas dos pés à cabeça como se fossem às colmeias buscar o mel. Pediram que trocasse a

minha roupa por uma daquelas batas com que ficamos meias nuas. Lembro que me enfiaram os cotonetes gigantes pelo nariz e pela boca. Puseram-me a oxigénio. No dia seguinte veio o veredicto: POSITIVO. Mudaram-me de quarto para a Infeciologia. Quarto de pressão negativa. Fiquei a oxigénio, mas este era diferente: húmido e morno. Um monitor 24 horas por dia ligado a dar os sinais vitais e o nível de oxigénio medido num dos dedos com uma “pinça”, o oxímetro. O monitor apitava quando o oxigénio descia para valores mínimos. De quando em vez, entravam enfermeiros no quarto para me verificarem os sinais vitais, medirem a pressão sanguínea, e tirarem sangue. O cateter na veia ficou durante 22 dos 23 dias de internamento, por onde injectavam o antibiótico. Tomei o tal comprimido para a malária. Primeiro inteiro, e depois só metade. Tiravam duas vezes por dia sangue das artérias dos pulsos para analisar os níveis de oxigénio no sangue arterial. Eu estava num limbo, quase sonâmbula.

Porque a minha Mãe fazia parte do grupo de risco devido aos seus quase 95 anos, foi de imediato desencadeado o processo de recolha dos mucos, o que aconteceu na madrugada do dia 13. O resultado foi comunicado à empregada dela no Domingo ao final da tarde. POSITIVO. Um dos momentos mais dramáticos da minha vida.

EU TINHA INFECTADO A MINHA MÃE.

Meu Deus! Chorei, gritei com as poucas forças que já tinha.

Valeu-me o apoio de uma médica, a Dra. Cândida. Acompanhou o processo e aconselhou que a minha Mãe não saísse de casa já que não apresentava sintomas e foi cancelada a sua entrada no Pedro Hispano. Estou-lhe eternamente grata.

Entretanto, um Delegado de Saúde, o Dr. António, acompanhou diariamente a situação da minha Mãe e da minha filha que tinha vindo de Lisboa para cuidar da Avó nas 24 horas do dia, mesmo correndo o risco de ser contagiada, já que as cuidadoras passaram à situação de quarentena. Seguiu à risca todas as indicações do Delegado de Saúde. A minha irmã Margarida disponibilizou as primeiras máscaras que a Ângela devia usar durante a viagem de comboio de Lisboa para o Porto. Amigas e duas primas “viraram o mundo do avesso” para lhe arranjamem máscaras, luvas e gel para as semanas que se seguiram.